

FOTO-ÁFRICA(s) IMAGENS DE UM CONTINENTE

Ínia Franco de Novaes
Doutoranda FE/ Unicamp
Docente Geografia / ESEBA-UFU
inianovaes@eseba.ufu.br

“Minha sabedoria é ignorar as minhas originais certezas. O que interessa não é a língua materna, mas aquela que falamos mesmo antes de nascer. Por isso me dei licença para escutar [...]”. (COUTO, 2009, p.97)

INTRODUÇÃO

No movimento de mobilização do pensamento, em uma perspectiva política que procura, com a arte, mobilizar pensamentos, pensar África(s)¹ em conexão com as imagens. Colocamos em movimento uma proposta de pesquisa - as oficinas² - que sendo tecida a muitas mãos torna-se mais uma entre outras possibilidades de trocas, reflexões e pesquisas sem um fim, mas no entre, no que acontece, sem objetivo definido, mas constituído pelos participantes (CORRÊA, 1997, 2003; PEY, 1997, 2003; PREVE, 2010, 1997).

As oficinas procuraram incomodar, provocar, movimentar, pensamentos que foram atravessados por imagens da(s) África(s), produzidas por artistas africanos contemporâneos com a intenção de trazer o presente múltiplo e tenso do continente para a conversa, para sentir as potências que reverberassem no encontro com imagens que provocaram o exercício do olhar, o estabelecimento de novas possibilidades que se desdobraram sobre uma perspectiva da minoridade (DELEUZE E GUATTARI, 2003) e (GODOY, 2008), como forma de provocação do desequilíbrio do olhar e do pensamento no caminho da Educação Menor (GALLO, 2008) e da Geografia Menor (OLIVEIRA JR., 2009).

Os encontros, com seus movimentos e olhares, não tiveram a intenção de apresentar questões prontas e nem de servir de um modelo, mas de ser, apenas, um espaço de exercitar o pensamento, de mirada sobre as diferentes imagens. Para mobilizar pensamentos e o encontro com outros lugares convido, para atravessar a oficina corpos, cores, lugares, geografias, instantes de apreensão materializados – as imagens fotográficas - para invadirem o olhar dos participantes sem aviso prévio; sem pedir licença o olhar foi lançado sobre as fotografias com a intenção de que, também, ouvissem as vozes da foto.

AS VOZES DA FOTO

(Pensamentos, Mia Couto, 2005, p.75-76).

“Ao ler a imagens destes fotógrafos dou-me conta de que, para além da visão, outros sentidos são convocados.” Eu não apenas vejo. Eu ouço a fotografia. O contacto visual acorda em mim sons que deveriam ter rodeado o momento fixado em imagem.

¹ Optamos por utilizar África(s) para evidenciar a diversidade do continente.

² Foram convidados para participar das oficinas os professores de Geografia da rede pública e privada e alunos do curso de Graduação em Geografia, do município de Uberlândia-MG. Os encontros foram realizados durante o segundo semestre de 2011, no Centro Municipal de Estudos e Pesquisa do Professor (CEMEPE).

Apto apenas para inscrever a imagem, o papel não foi capaz de expulsar as vozes. Vitória do mundo da oralidade ainda dominante em África: a mancha gráfica se sujeita ao poder do verbo. A imagem é tanto mais bela quanto ela for auditiva, evocando sonoridades do momento. A escrita (e a foto enquanto um modo de escrita) é vencida por uma lógica. Neste jogo de miragens e ilusões, África desnuda-se para melhor se ocultar. Aqueles que acreditam ter focado essências apenas tocaram aparências em movimento. [...]

A fotografia actua, assim, como uma realidade virtual. Nós que escutamos as vozes da foto entramos em contacto com os que, mesmo habitando o mundo dos vivos, pertencem ao domínio da ausência [“...”].

As imagens fotográficas seleccionadas faziam parte da Exposição Borders compondo o catálogo da IX Bienal de Fotografias Africanas, realizada em Bamako em 2009 e, em exposição em Lisboa, Portugal, no ano de 2011³, um dos importantes eventos dedicados à promoção e a exposição de artistas contemporâneos do continente e da diáspora africana revelando novos talentos de África(s).

Como as oficinas são estratégias em educação que, por encontros, mobilizam pensamentos, procurou-se desmobilizar o pensamento e desacostumar o olhar lançando aos participantes as fotografias, o desafio de percebê-las, o que contavam, o que mobilizavam.

Um tecido foi estendido no chão e, sobre ele, as fotografias seleccionadas do catálogo foram disponibilizadas, para que os participantes pudessem ouvir as fotografias, degustar com o olhar, com o toque, com o cheiro (as imagens podem transmitir também o cheiro do lugar), lançando o olhar ao devir: “[...] o olhar fotografias e o pensar por meio delas como acontecimentos imbricados nos sentidos previstos e retidos, e nos sentidos que se nos esvaem diferentes encontros com as imagens” (WUNDER, 2008, p.71).



IMAGEM 1: Colcha de retalhos de fotografias seleccionadas do catálogo da IX Bienal de Fotografias Africanas em exposição em Lisboa Portugal no ano de 2011

³ Agradeço a Profa. Dra. Alik Wunder - FE/UNICAMP pela colaboração na aquisição do catálogo de fotografias.

Provocar o desassossego diante das fotografias foi o objetivo desse encontro com a intenção de trazer a potência da foto para provocar e permeiar distintos pensamentos em que pudessem proliferar e circular outros espaços e pensamentos a partir das fotos, com a intenção de “dar visibilidade às potências que a(s) África(s) movimentam na vida das pessoas, atuando no sentido do acúmulo e sobreposição e, ao mesmo tempo, [nas falas dos professores] transbordavam por estes desejos de expressão, transformavam a fotografia em matéria de fabulação, de imaginação por superfícies previsíveis” (WUNDER; DIAS, 2011, p.73).

Os participantes foram convidados a sentarem em torno das fotografias para entrar em contato com essas imagens⁴, sem nenhuma referência de suas origens, ver e sentir o que as imagens os convidavam a ouvir, a pensar, apostando na imagem como proliferadora do devir no pensamento. Por alguns minutos tocaram, sentiram, ouviram, falaram sobre as fotografias, produziram geografias, movimentos, trajetórias e sentimentos; as conversas revelaram que as fotografias provocaram diferentes maneiras de ver os lugares, as pessoas que foram grafadas nas imagens.

Foram convidados a observar as fotografias e escolher as que o tocassem: que sensações lhe surgem ao entrar em contato com a fotografia? Que fotografia lhe toca? Que lhe prende e convence a con-VER-ser com a imagem fotográfica? Questões lançadas como provocação no momento do encontro dos professores com as imagens fotográficas. Percebia-se que, na verdade, ao circular as imagens pela oficina não eram as fotografias a serem escolhidas e sim, as fotografias é que escolhiam os professores, ocorria ali um encantamento imagético em virtude do saber/não saber. O contato, a conversa com as fotografias foi livre, sem obrigação.



IMAGEM 2: Colcha de retalhos de fotografias da IX Bienal de Fotografias Africanas em exposição em Lisboa, Portugal, no ano de 2011.

Muitas questões foram surgindo nas intervenções do grupo que era tocado pelas fotografias e pelas falas. Questões sobre as fotografias e suas geografias foram surgindo e permeando as conversas: Que fotografias são essas? O que mostram? Mostram o que é África? Talvez revelem o que não é África? É possível saber o que é e o que não é?

⁴ As fotografias do catalogo foram escaneadas e depois reveladas como se tivessem sido capturadas por alguém que disponibilizou o material, não foi informado que eram imagens de uma exposição.

Por que é preciso saber o que é África? Esse saber o que é África está ligado ao território? A localização geográfica? África não está (pode estar) em todo lugar? Estes e outros questionamentos nos remetem a pensar com Foucault (1988, p.26) quando se refere à imagem escrita “[...] é preciso que o olhar se mantenha acima de todo deciframento possível; é preciso que as letras permaneçam pontos, as frases linhas, os parágrafos, superfícies lisas ou massas – asas, caules ou pétalas; é preciso que o texto não diga nada a esse sujeito “olhante” que é voyeur (olhar), não leitor [...]”.

Para olhar as fotografias era necessário deter-se sobre a imagem, mirar, viajar, ouvir o que ela tinha para dizer e ouvir o que ela provoca em que a mira; imagens que, de alguma maneira, mobilizaram e proliferaram pensamentos e, segundo o movimento do grupo, foi guiado na perspectiva de dizer “O que é e não é África?” que resultou na escolha das fotografias⁵ e no desdobramento do encontro.

Os professores foram afetados e selecionaram fotografias, após a escolha houve a continuidade da conversa, para conversar com as fotografias é preciso se deixar envolver, mergulhar nas imagens para permitir pensar com elas, permear o que tem a dizer. Entre as fotografias a mesma imagem foi selecionada por dois professores (Imagem 3), na conversa com a imagem um professor revelou “*Não vejo o continente africano como “esquecido por Deus”. Berço da miséria e da escassez de recursos financeiros. Para mim a fotografia pode representar a realidade de todo o Brasil, de norte a sul, e não apenas de países africanos*”, outro professor argumenta que a imagem retrata sim a África que “*é uma sociedade a “espera” por dias melhores. As pessoas não são sujeitos de suas vidas, elas querem a mudança/transformação, mas são impedidas por questões políticas*”. A mobilização do pensamento por imagens é provocada pelo acontecimento, o que surge, o singular, o movimento de mobilização, os desejos e os sentimentos chegam e agem de forma diferente como podemos observar na escolha dos professores; uma escolha trilhou o caminho da captura, dentro de versões diferentes de África(s) já existentes e, a outra percorreu as linhas de fuga, outras possibilidades de ver o mundo e não somente a África(s). As capturas enraízam o pensamento no continente e as linhas de fuga possibilitam a desterritorialização para alcançar os arquipélagos (GODOY, 2008), pois “só o desterritorializado é capaz de se reproduzir” (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p.76).

Naquele momento, a fotografia (Imagem 4), escolheu outros participantes que disseram que a imagem retrata o continente africano, pois “*Atualmente, a África é parte integrante de um mercado globalizado. Apresenta símbolos de uma linguagem mercadológica mundialmente reconhecida e consumida*” e que “*Ainda que a cor da pele do rapaz leve a pensar na África negra, os acessórios utilizados por ele, a garrafa de bebida, o tipo de edificações ao fundo, o veículo moderno nos revela uma negação explícita de tudo que possa se relacionar com a África, ou seja, perpassa a ideia de aculturação do indivíduo*”. A fotografia ao capturar os professores evidencia clichês recorrentes que me provocaram inquietações: A cor da pele define o território? Por qual motivo o continente africano tem que ser sempre retratado apresentando características culturais locais? Os padrões sociais e culturais obedecem a fronteiras? Se o continente está aberto e é parte de um processo mercadológico de globalização deixou de ser África(s)? Os professores ao serem escolhidos pela fotografia a reconhecem como parte do continente africano, mas que não retrata a sua realidade, seus pensamentos remetem aos clichês sobre a(s) África(s) expressos na pobreza, exotismo, na natureza selvagem e

⁵ Entre as fotografias apresentadas aos professores algumas foram selecionadas segundo princípios definidos pelo grupo e, dessa seleção, escolhemos as fotografias presentes no texto para propor a conversa.

nos conflitos. E “estes fotógrafos trilharam o caminho inverso. Surpreenderam conflitos e ilusões de um tempo de mudança. Eles registraram a História movendo-se, não em sua gradual e preguiçosa marcha, mas nesses bruscos solavancos em que emerge todo o espetáculo da alma humana. E nos captaram a todos, africanos e não africanos [...]” (COUTO, 2005, p.78).

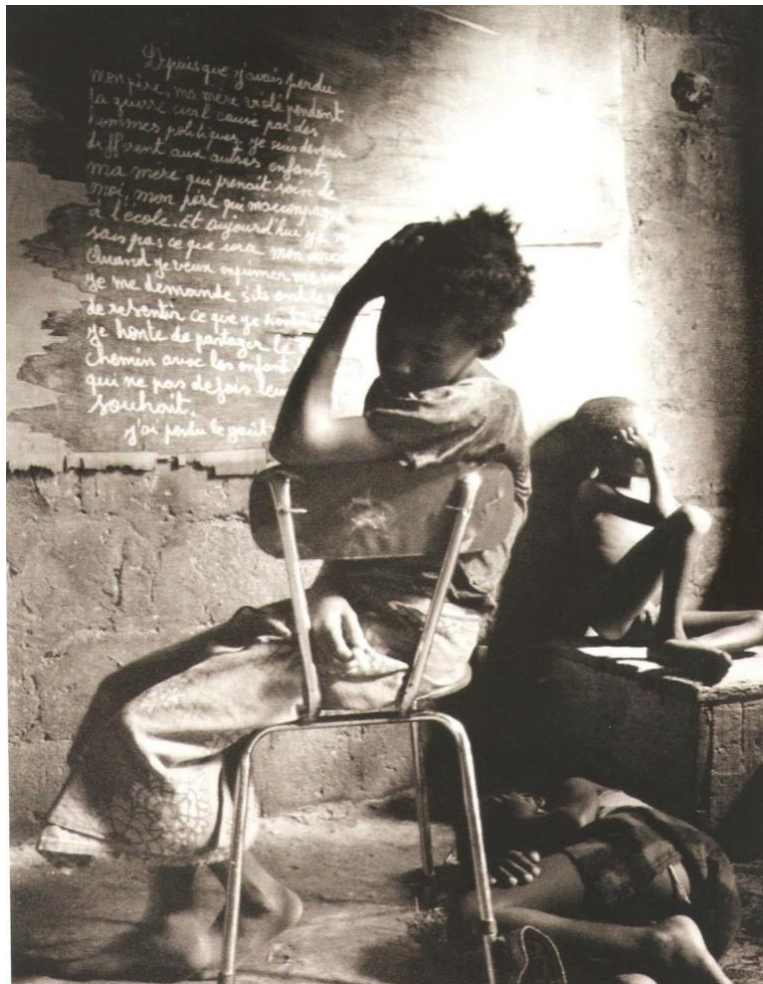


IMAGEM 3: Fotografia da IX Bienal de Fotografias Africanas em exposição em Lisboa, Portugal, no ano de 2011.

A intenção não é escapar do que existe (PELLEJERO, 2008, p.67), mas possibilitar que outros pensamentos/mundos possíveis surjam por meio da mobilização por imagens que podem/não podem provocar linhas de fuga nos pensamentos, tornar-se livre para (re) criar, na perspectiva de romper com os decalques que impregnam a memória maior, mas que seja capaz de reagir rumo à memória menor na busca pela mobilização constante do pensamento. Imagens produzem pensamentos, produzem falas, produzem palavras, produzem multiplicidades, imagens criam e recriam olhares que precisam ser mobilizados para ir além do visível, provocar divagações e mobilizações no decalque da imagem clichê (FERRAZ, 2012).

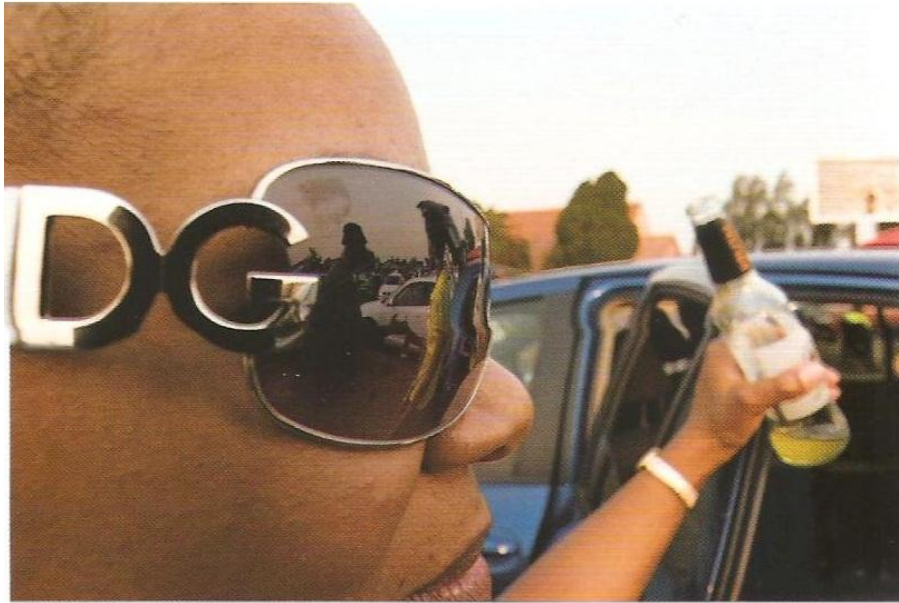


IMAGEM 4: Fotografia da IX Bienal de Fotografias Africanas em exposição em Lisboa, Portugal, no ano de 2011.

Podemos dizer que, em alguns momentos, percebeu-se que possíveis linhas de fuga dos clichês foram traçadas pelos participantes que ao mirarem as fotografias, e serem escolhidos, relatavam que na fotografia (Imagem 4) *“os óculos, não é África, e sim a presença do mundo na África”*. Ou que a fotografia (Imagem 5), afirma que *“o pub mostra o estereótipo dos lugares pelo mundo, imagem estereotipada do negro e da África no mundo”*. Linhas de fuga que são também de captura da própria classificação/identificação da(s) África(s) com o corpo negro.

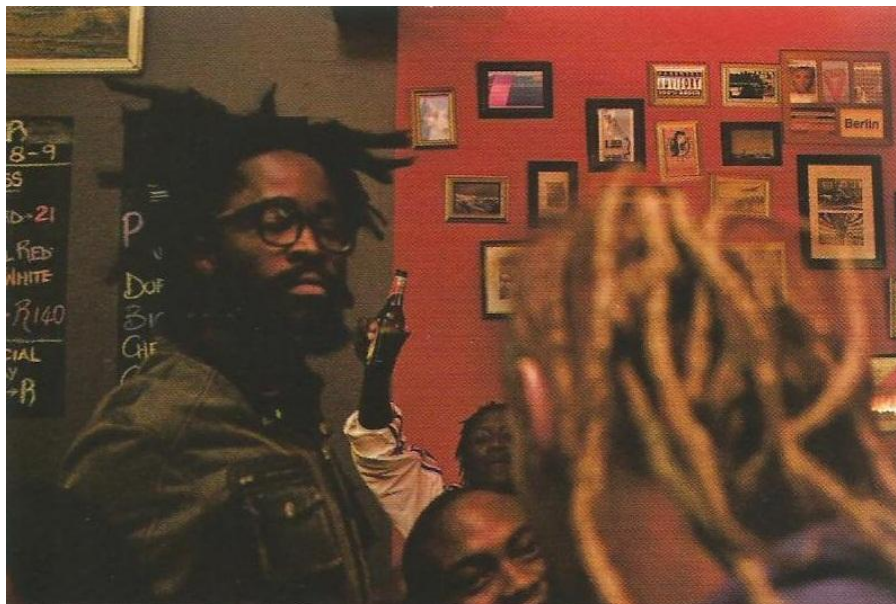


IMAGEM 5: Fotografia da IX Bienal de Fotografias Africanas em exposição em Lisboa, Portugal, no ano de 2011.

O movimento dos professores trilhou o caminho de selecionar e classificar as imagens. Para a maioria dos participantes, foi mais fácil decidir o que as imagens retratavam, encontraram indícios da veracidade, o que é e o que não é África, pensar as fotografias como um espaço seguro “como se o olhar pudesse tocar as coisas e os seres, como se a fotografia fosse a própria pele deste [daquele] momento olhado, que pode ser tocado novamente em outros tempos, por outros olhos” (WUNDER, 2008, p.84) que decidem o que foi registrado no instante. Falas e imagens que nos permitiram perceber os clichês que nelas se sedimentaram em decorrência das experiências culturais, comunicacionais e educacionais, pois vivemos em uma civilização de clichês sedimentada pela centralidade da cultura (HALL, 1998) e, com África não foi diferente. Tal pensamento evidenciado nas imagens clichês que permeiam os pensamentos cristalizando realidades que o discurso do Estado instaura na sociedade em falas decalcadas como “*Imagens que marcam a África é o negativo, ainda é e penso que permaneça*”, como afirmou um professor.

A decisão de classificar as imagens seguindo pensamentos já determinados levaram à escolha de imagens fotográficas clichês acerca da(s) África(s), mas para nós, seguindo Wunder (2008, p.94), é importante “pensar as fotografias não como objetos a serem compreendidos ou interpretados, mas como superfícies que possibilitam um deslizar contínuo, sem a sede de um lugar seguro e estável”.

Disponibilizar as imagens fotográficas foi uma entre diferentes possibilidades de pensar a(s) África(s) e de mobilizar pensamentos na tentativa de “aceitar que a imagem não pode suprir estes vazios temporais e espaciais que a envolvem, a partir daí enveredar por um pensamento que não busque preenchimentos, mas esvazie-se, silencie-se nas paisagens planas e fragmentadas” (WUNDER, 2008, p. 113). Mas percebeu-se que as imagens clichês presentes na memória dos professores cristalizam as ideias multiplicadas pelas mídias, evidenciando as necessidades sofridas pelo povo africano e as carências, também a ideia de que o modo de vida que é típico de determinados lugares do planeta são inferiores por não apresentarem o modelo de desenvolvimento ocidental considerado o padrão ideal para as sociedades. Houve ali a presença constante da negação da diferença, como se o diferente fosse inferior.

A partir desta constatação, provocou-se uma conversa sobre a perspectiva da minoridade deleuziana, evidenciando que a diferença é recíproca e a intenção de criar uma igualdade passa pela relação de poder existente no mundo e que esta é regulada pela valorização de categorias como África X Não África, que tal movimento é de natureza política e que “qualquer processo que sirva para revolver esses códigos e suas configurações de poder tem força política com o potencial de transformar as relações sociais e do meio de maneiras imprevisíveis” (BOGUE, 2011, p.20). Algumas forças se movimentaram para um participante “*É mais fácil saber o que é do que o que não é... mas a África está em nós, em todo lugar*”. Ainda cabe descobrir onde estão em nós e em todo lugar, os estilhaços do continente que antes faziam a(s) África(s) estar num só lugar.

A oficina com imagens fotográficas do continente africano possibilitou o encontro com obras visuais, evidenciando para os participantes que a intenção não era a de ilustrar e explicar o que é África(s), e sim possibilitar outros olhares, o olhar individual, o olhar singular, o olhar de quem observa sem ter a obrigação de justificar, o olhar que mobiliza pensamentos, somente apreciar as produções visuais realizadas por pessoas desconhecidas que também escolheram mirar determinados lugares ou pessoas a partir do seu olhar individual, pois “[...] não existe prazer e muito menos crescimento

quando se tem a medida exata das coisas, quando se têm certezas acerca daquilo que se conhece do outro” (FIGUEIREDO, 2011, p.74).

Contando a trajetória das imagens, revelou-se que as imagens foram produzidas por fotógrafos de diferentes países da África, que registraram as imagens em seu continente-território, o que provocou um estranhamento. A conversa, então, circulou em torno do papel das imagens que não visam comunicar ou informar algo, mas mobilizar pensamentos e estabelecer conexões individuais e coletivas diversas, proporcionando outras possibilidades de ver, para tanto é preciso romper o clichê que nos impõe uma cortina sob os olhos, sendo necessário arrancar esta barreira presente em nosso olhar para que seja possível ver, ir além, se soltar, encontrar, criar, ouvir, pensar com imagens.

As escolhas evidenciam as diferenças no con-Ver-sar com as imagens fotográficas, ver de maneira diferente, ver as diferenças, que circulam nas imagens que possibilitaram aos docentes trazer para si dimensões distintas da vida dos lugares. As fotografias não são mais verdadeiras que outras imagens, são apenas outra possibilidade de olhar, de ver imagens que podem ser da África(s) ou de outros lugares, pois o mundo é um mapa e, como tal, não impõe lugares, as conexões acontecem, o que permite o ir e vir, as trocas, as escolhas e as montagens que (re)criam territórios e novos mapas; nada é, as coisas estão.

A oficina procurou compor com os professores, compor pressupõe participação, envolvimento, interação, interferência, construção para por sua presença no movimento. Acreditamos que a educação pelas imagens pode contribuir para a mobilização de percursos de pensamento que compõem o conhecimento na perspectiva da minoridade. É neste sentido que as imagens fotográficas tiveram a intenção de provocar o surgir/fugir outras África(s): outras composições em que África(s) atravessa e são atravessadas.

REFERÊNCIAS

- BIENNIAL AFRICAN PHOTOGRAPHY, 9^a. **Encounters of Bamako**. Catálogo. CulturesFrance Éditions. Ministère de la Culture du Mali. Actes Sud, 2011.
- BOGUE, R. Por uma teoria deleuziana da fabulação. In: AMORIM, A.C. MARQUES, D. DIAS, S. O. (Org.). **Conexões: Deleuze e vida e fabulação e...** Petrópolis: De Petrus; Brasília, CNPq; Campinas ALB, 2011, p.17-36.
- CORRÊA, G. C. Permanência e mudança: desejo de cientificidade nas relações entre Ciência e Escola. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 15, n. 27, p.121-133, jan./jun. 1997.
- _____. Oficina: novos territórios em educação. In: LUENGO, J. M.; MONTERO, E. G.; PEY, M. O; CORRÊA, G. C. (Org.). **Pedagogia Libertária: experiências hoje**. São Paulo: Editora Imaginário, 2003, p.77-162.
- COUTO, M. **Pensatempos, textos de opinião**. Lisboa: Caminho, 2005. 157 p.
- _____. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, 147 p.
- DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995, 91 p.
- _____. O que é uma literatura menor?. In._____. **Kafka: para uma literatura menor**. Tradução Rafael Godinho. Porto: Assírio & Alvim, 2003, p.38-56.

- FERRAZ, M. C. F. **Imagem e clichê: reflexões intempestivas**. 2009. **Disponível em:** <http://www.ateliedaimagem.com.br/sistema/Arquitetura/ArquivosBiblioteca/45.pdf> **Acesso em fev./2012**
- FIGUEIREDO, G. M. Imagens embaralhadas: cenas-acontecimentos e geopedagogia. In: AMORIM, A. C. GALLO; S. OLIVEIRA JR. W. M. de (Org.). **Conexões: Deleuze e Imagem e Pensamento e...** Petrópolis: De Petrus, 2011, p.67-86.
- FOUCAULT, M. **Isto não é um cachimbo**. Tradução Jorge Coli. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, 87p.
- GALLO, S. **Deleuze & a Educação**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 98 p.
- GODOY, A. **A menor das ecologias**. São Paulo: EDUSP, 2008. 333 p.
- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. **Educação & Realidade**. 22 (2). p. 15-46. jul./dez.1997.
- OLIVEIRA, JR. W. M. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. **Pro-Posições**. Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 17-28, set./dez., 2009.
- PELLEJERO, E. Literatura e fabulação: Deleuze e a política da expressão. **Polymatheia – Revista da Filosofia**. Fortaleza, v. IV, n. 5, p.61-78, 2008
- PEY, M. O. Oficina como modalidade educativa. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 15, n. 27, p. 35-63, jan./jun. 1997.
- PREVE, A. M. H. **Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação**. 2010, 267f. Tese. (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE-UNICAMP).
- _____. A sexualidade como busca por uma prática convivencial. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 15, n. 27, p. 159-174, jan./jun. 1997.
- _____. Cartografias intensivas: notas para uma educação em Geografia. **Revista Geografares**, n.12, p.50-75, jul. 2012.
- _____. RECHIA, K.C. Outros mundos: perversão no planisfério político. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v.11, n.2, p.146-164, jun. 2010.
- WUNDER, A. **Foto quase grafias: o acontecimento por fotografias de escolas**. 2008, 127f. Tese. (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE-UNICAMP).
- _____. Fotografias, restos quase mortais. In: AMORIM, A. C. GALLO; S. OLIVEIRA JR. W. M. de (Org.). **Conexões: Deleuze e Imagem e Pensamento e...** Petrópolis: De Petrus, 2011, p.155-176.
- _____. DIAS, S. Fabulografias: in-ventar por áfricas-cartões-postais. In: AMORIM, A.C. MARQUES, D. DIAS, S. O. (Org.). **Conexões: Deleuze e vida e fabulação e...** Petrópolis: De Petrus; Brasília, CNPq; Campinas ALB, 2011, p. 89-102.